CONCÍLIO DE QUIERZY (853) E A PREDESTINAÇÃO

Padres Carolíngios

Fonte: Wilfried Hartmann (ed.), *Die Konzilien der karolingischen Teilreiche, 843–859*, p. 297. Hannover: Hahn, 1984 (col. *Monumenta Germaniae Historica*: [Leges: 4], Concilia; T. 3).

Tradutor do texto latino: Gustavo Petrônio Toledo.

Descrição: Os quatro cânones definem a doutrina sobre a predestinação e a graça, condenando a visão de Gottschalk de Orbais. Eles afirmam uma única predestinação divina, seja para a vida eterna pela graça, seja para a pena eterna pela justiça, rejeitando uma dupla predestinação para o mal.

Cânon 1. Deus onipotente criou o homem reto, sem pecado, com livre-arbítrio, e o colocou no paraíso [Éden], no qual quis que ele permanecesse na santidade da justiça. O homem, usando mal do livre-arbítrio, pecou e caiu, tornando-se massa de perdição de todo o gênero humano. **Deus, porém, bom e justo, escolheu dessa mesma massa de perdição, segundo a sua presciência, aqueles que pela graça predestinou à vida eterna; aos demais, porém, que pelo juízo da justiça deixou na massa de perdição, pressentiu que pereceriam, mas não os predestinou para que perecessem. Predestinou, porém, a pena eterna para eles, pois é justo. E com isso dizemos que há apenas uma predestinação de Deus, que ou pertence ao dom da graça ou à retribuição da justiça.**

Cânon 2. Perdemos no primeiro homem a liberdade do arbítrio, a qual recebemos de volta por Cristo, nosso Senhor; e temos livre-arbítrio para o bem, prevenido e ajudado pela graça; e temos livre-arbítrio para o mal, abandonado pela graça. Mas [de qualquer modo] temos livre-arbítrio, pois pela graça fomos libertados, e pela graça fomos curados da corrupção.

Cânon 3. Deus onipotente quer que todos os homens, sem exceção, sejam salvos, embora nem todos se salvem. Pois o fato de que alguns se salvem é dom daquele que salva; mas o fato de que alguns pereçam é mérito dos que perecem.

Cânon 4. Assim como não há, houve ou haverá homem algum cuja natureza não tenha sido assumida em Nosso Senhor Jesus Cristo, assim também não há, houve ou haverá homem algum por quem Ele não tenha sofrido, embora nem todos sejam remidos pelo mistério da sua paixão. **Que, porém, nem todos sejam remidos pelo mistério da sua paixão, não diz respeito à insuficiência da magnitude e abundância do preço, mas diz respeito à parte dos infiéis e dos que não creem**

naquela fé que opera pela caridade; pois o cálice da salvação humana, que foi preparado pela nossa fraqueza e pela virtude divina, tem de fato em si o que beneficia a todos, mas, se não é bebido, não cura.